

ENTENDE MELHOR AQUELE QUE TEM UMA FORMAÇÃO HUMANÍSTICA

Walter Marcos Knaesel Birkner¹
(entrevistado)

Tiago Mendes de Oliveira² e
Gilson Luiz Rodrigues Souza³
(entrevistadores)

1) Fale um pouco sobre você e sobre sua formação.

Tenho bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Regional de Blumenau – Furb, mestrado em História Política do Brasil pela UnB e doutorado em Ciências Sociais pela Unicamp, além de um pós-doc em Desenvolvimento Regional na Furb.

2) Qual a contribuição das Humanidades (História, Filosofia, Sociologia, Literatura, Artes, Línguas, Cultura, Ética, Cidadania, Direitos Humanos...) para a sua profissão?

É elementar, já que sou sociólogo e professor. Essa formação interdisciplinar facilita enormemente nossa compreensão sobre as coisas e facilita igualmente a ilustração de nossas explicações, seja numa exposição oral, seja num artigo escrito. Quanto mais informações na literatura ou na história, por exemplo, mais fácil de resumir um argumento e se fazer compreender por parte de quem te lê ou ouve. Mas, digamos que eu fosse um economista, um engenheiro,

médico ou profissional do comércio exterior. As sinapses interdisciplinares ampliam a formação e o desempenho de qualquer profissional, porque aumenta sua sensibilidade em relação à sua atividade. Entende melhor e decide melhor aquele que tem uma formação humanística, seja na profissão, seja na vida em geral.

3) Você acredita que estas áreas são importantes para todas as profissões? E para a formação integral do ser humano?

Bem. Creio já ter respondido isso. De todo modo, vale insistir: se exporto um produto para um país árabe ou asiático, meu sucesso não depende só da qualidade do produto, mas do meu conhecimento sobre a cultura daquele país. Falando em termos exclusivamente comerciais, as mercadorias contêm fetiches culturais que interferem na sua aceitação, indo para além do preço e da qualidade diretamente. Pensando o mundo do trabalho através das relações pessoais, quanto mais informação, maior a qualidade dos relacionamentos. Entender de música, ter conhecimento sobre literatura ou falar outra língua te proporciona vantagens incomensuráveis ao longo da vida. Eu já mencionei ou me lembrei dezenas de vezes de passagens de Dostoiévski, Machiavel ou Otávio Paz em momentos de compreensão e desfecho de algum problema. Não obstante,

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 03 Páginas 12-15</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

como sociólogo, também já aprendi alguma coisa lendo um biólogo, um zoólogo ou um físico.

4) Por que estas áreas frequentemente sofrem com redução de investimentos, cargas horárias, disciplinas... na educação básica e superior? Elas representam algum risco?

Francamente, não sei em que medida isso acontece, mas, sim, acontece. Não sei dizer isso em relação aos investimentos, mas compreendo que os investimentos em pesquisa, por exemplo, devem estar voltados majoritariamente para os interesses estratégicos de um país ou região. É normal que governos e instituições estabeleçam critérios. Pode ser que aí haja um problema. A Sociologia brasileira, por exemplo, tem uma pré-indisposição a tudo que esteja relacionado à produção econômica, ao liberalismo econômico e temas correlatos, como empreendedorismo, inovação etc. Esse preconceito gera preconceito sobre ela também. Mas não consigo dimensionar isso em termos de investimento. Para Mim, o problema se estende à ciência em geral. Veja-se, por exemplo, o seguinte paradoxo: o Brasil tem um déficit de doutores e mestres. No entanto, segundo uma matéria do Correio Brasiliense (10/03/2019), de Beatriz Roscoe e Ingrid Soares, o País tem hoje 25% de

mestres e doutores desempregados, ante uma média de 2% no Mundo. Isso não é somente um paradoxo, mas uma vergonha, sobretudo porque revela que ao País não demonstra interesse em ser competitivo mundialmente.

Quanto à redução de carga horária das humanidades, é um problema complexo que, se denota insensibilidade e ignorância por quem decide isso, também denota ausência de autocrítica nas humanidades. Novamente, em relação à Sociologia, sociólogos precisam se perguntar constantemente: afinal, Sociologia para quê? Minha impressão é que, por certos dogmas e preconceitos como o que mencionei anteriormente em relação à economia, ao largo de um fundamento moral implícito à Sociologia, ela deixou de ser útil à análise da realidade. Veja-se, por exemplo, a crise da Venezuela. O que vemos, muitas vezes, são cientistas sociais usando de sofisticados discursos sociológicos para defender um governo tirano. Isso vai de encontro com os fundamentos éticos da Sociologia, em defesa da liberdade e dos direitos humanos. Quem pode levar isso a sério? Então, autocrítica seria o primeiro passo.

De todo modo, tem um aspecto que considero mais importante ressaltar. Trata-se de reconhecermos, particularmente em relação à Sociologia, que se trata de uma ciência hegemonicamente preocupada com a

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 03 Páginas 12-15</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

distribuição da riqueza. Isso não é errado, absolutamente. O problema é que a Sociologia ignora por completo a produção da riqueza. Gostando ou não, os fatores geradores da riqueza e do desenvolvimento de regiões e países, são em grande parte sociologicamente interpretáveis. Um exemplo disso está na ideia “força de capital social”. Por extensão, a Sociologia brasileira deveria recuperar a teoria da evolução e renovar a discussão sobre o conceito de desenvolvimento, reintroduzindo essa abordagem nos livros de introdução à Sociologia. Aproximaria as Ciências Humanas de interesses estratégicos do País, sem nenhum prejuízo ao conhecimento já produzido. E deveria fazer isso ampliando os “diálogos” interdisciplinares com a economia, o pensamento liberal, e, também, promovendo uma reaproximação com a biologia e até mesmo a física, sem preconceitos. Mas sei que isso esbarra em posturas corporativas, o que não é uma exclusividade da Sociologia, nem das humanidades.

Quanto a representar algum risco, francamente não. As ciências humanas significam, na minha humilde opinião, a chave da libertação humana. Acho maravilhosa a perspectiva que passa a ter um adolescente ampliando seus horizontes especulativos a partir das reflexões que as humanidades lhe permitem. Como sociólogo, tenho muitas

críticas à Sociologia e tenho estudado e escrito sobre isso. Mas a simples compreensão de que somos muito mais seres sociais do que individuais já vale uma vida e é a Sociologia que proporciona essa percepção. Saber que não sou apenas eu, mas que carrego em mim a minha cidade, a minha cultura, valores, regras e leis que fazem de mim quem sou, é um ensinamento grandioso e indispensável, portanto, civilizatório. Assim, fazer essa relação dos indivíduos com a Sociedade em que vivem nos permite entender e melhorar a mim e à minha cidade, minha região e o país onde vivo.

5) Quais autor@s e livros você recomendaria aos noss@s leitor@s

Para iniciantes, recomendo “Sociologia hoje”, de Machado, Amorim e Barros, Editora Ática, de 2017. Considero o melhor livro didático entre os indicados pelo PNLD para a disciplina de Sociologia no ensino médio. Qualquer qualidade que ressalte nesse livro, se encontrará nos outros sugeridos pelo PNLD, apenas acho que este tem um pouco a mais, mas reconheço que isso é subjetivo e não se explica em poucas palavras.

Para graduandos e pós-graduandos, sugiro dois livros: 1) “Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna”,

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 03 Páginas 12-15</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

de Robert Putnam e 2) “Democracia na América”, de Alexis de Tocqueville.

Além desses, estou lendo “Propriedade e liberdade”, do historiador inglês Robert Pipes e “21 lições para o século XXI”, do historiador israelense Yuval Noah Harari. E, sabendo que isso soará pretencioso, recomendo a leitura de artigo meu e do filósofo Sandro Luiz Bazzanella, intitulado “Introdução a uma sociologia da produtividade”, para uma reflexão sobre o que acabei de mencionar, se é que isso vá ter alguma utilidade para alguém. A referência é Birkner, W. M. K. & Bazzanella, S. L. Introdução a uma sociologia da produtividade. *In*: Desenvolvimento em Questão, vol. 44, jul/set de 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/5896/5851>>.

¹ Currículo:

<http://lattes.cnpq.br/8521471198048138>.

² Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado de Minas Gerais e graduado em Pedagogia pelo CESP. Técnico da Diretoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa *Campus* Rio Paranaíba e editor de periódicos científicos no CESP. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>.

³ Doutorando em Educação, com bolsa CAPES, e licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba, mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA e licenciado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professor e coordenador no CESP. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8435741689596078>.

<p>Folha Acadêmica do CESP ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XXI jan-mar 2019</p>	<p>Trabalho 03 Páginas 12-15</p>
<p>http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	